



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Populações, Gerações e Ciclos de Vida

**ENVELHECIMENTO, EDUCAÇÃO E AUTONOMIA - INVESTIGAÇÃO SOBRE UM GRUPO DE SENIORES NA
ÁREA URBANA DE VIANA DO CASTELO.**

CACHADINHA, Manuela

Mestre em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa,

Instituto Politécnico de Viana do Castelo

manuelacachadinha@gmail.com

CARMO, Hermano

Doutor em Educação e Agregado em Política Social,

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa

hermano@iscsp.utl.pt

FERREIRA, Manuela Malheiro

Doutora em Educação,

Universidade Aberta

manuelamalheirof@gmail.com

Resumo

O fenómeno do envelhecimento constitui uma das dimensões da crise vivida pelas sociedades ocidentais atuais. Entendemos, tal como outros, que importa aprofundar o estudo e a reflexão sobre as características sociológicas do envelhecimento populacional, enquanto um dos caminhos que permitirá contribuir para encontrar soluções para a crise atual.

Esta comunicação tem como objetivo apresentar um projeto de investigação em curso sobre as diferentes características educativas e socioculturais, advindas ou não da emigração durante a vida laboral, de uma amostra da população idosa residente numa área urbana do Norte de Portugal e sobre como as referidas características condicionam ou influenciam as vivências diárias autónomas dos seniores estudados. Pretendemos também apresentar alguns dados recolhidos no âmbito do referido projeto e refletir sobre o significado sociológico dos mesmos. A investigação que aqui se apresenta insere-se num projeto de doutoramento e é constituída por duas partes fundamentais: uma primeira parte de contextualização teórica do envelhecimento enquanto fenómeno social com múltiplas dimensões e implicações e uma segunda parte constituída por uma investigação empírica de carácter qualitativo onde se procura compreender as situações e os fatores que condicionam o envelhecimento autónomo numa área geográfica concreta. Os dados são, sobretudo, o resultado da realização de um inquérito por entrevista a uma amostra de população com mais de sessenta anos.

Abstract

The phenomenon of aging is one of the dimensions of the crisis experienced by today's Western societies. We believe, like others, that further study and reflection on the sociological characteristics of the aging population as one of the ways that will contribute to finding solutions to the current crisis.

This communication aims to present an ongoing research project on the various educational, social and cultural characteristics, stemming emigration or not during the working life of a sample of the elderly population living in an urban area of northern Portugal, and how those characteristics condition or influence the daily experiences of senior independent study. We also intend to present some data collected under this project and reflect on the sociological meaning of them. The research presented here is part of a doctoral project and consists of two main parts: a first part of the theoretical context of aging as a social phenomenon with multiple dimensions and implications and a second part consists of a qualitative empirical research where it seeks to understand the situations and factors that affect aging in a separate geographical area concrete. The data are mainly the result of an inquiry by interviewing a sample of the population over sixty years.

Palavras-chave: envelhecimento; educação; interculturalidade; histórias de vida; autonomia.

Keywords: aging; education; intercultural, life stories; autonomy.

PAP0347

1. Introdução

As sociedades do mundo atual têm vindo a envelhecer, sobretudo nos países desenvolvidos, tal como o têm demonstrado diversas fontes estatísticas e bibliográficas na área das ciências sociais. A análise das situações e implicações do envelhecimento populacional assume uma crescente relevância científica e social pois a sociedade tem alguma dificuldade em lidar com esta situação. O envelhecimento demográfico tem as características de problema justamente porque existe a referida dificuldade. A existência de uma população sénior em crescimento e cada vez mais longeva lança novos desafios aos sistemas de saúde, aos sistemas educativo, aos sistemas de segurança social e à sociedade no seu conjunto.

A população sénior constitui um problema social e humano, sobretudo, quando existem situações de dependência física, económica ou social. O problema da dependência e da autonomia de um crescente número de pessoas idosas assume uma maior visibilidade social e requer intervenções políticas e comunitárias, requer também novos programas e ações educativas no sentido de precaver a dependência e fomentar a autonomia. Entende-se hoje, atendendo às diretrizes das organizações internacionais, que a educação ao longo da vida deve preparar os cidadãos para o envelhecimento.

Paralelamente ao fenómeno do envelhecimento demográfico verifica-se uma crescente globalização económica e cultural acompanhada por fenómenos migratórios que implicam um número crescente de pessoas de diferentes países e culturas. Esta situação acarreta mudanças sociais e culturais e tem implicações na educação formal e informal.

Portugal que foi tradicionalmente um país de emigração passou a ser também, nos anos mais recentes, um país de imigração, verificando-se hoje a existência de um elevado número de residentes no nosso país provenientes de outras áreas geográficas. Também muitos dos portugueses que há décadas tinham emigrado, regressaram para aqui viverem a aposentação.

No Noroeste de Portugal encontramos uma vasta população sénior com experiência migratória. O nosso projeto de investigação pretende fazer a caracterização desta população, sobretudo no que concerne à sua educação formal e informal, no que respeita ao seu percurso migratório e no que diz respeito à sua autonomia.

A investigação que temos em curso insere-se no âmbito de um doutoramento em Educação, na especialidade de educação e interculturalidade, e trata de investigar os fatores interculturais no envelhecimento autónomo, concretamente, visa o estudo de um grupo de seniores autónomos, residentes na área urbana de viana do Castelo.

2. O problema de investigação no nosso trabalho

A população mundial e a população europeia têm vindo a envelhecer ao longo das últimas décadas (Nações Unidas 2006; Eurostat 2006). Em Portugal, esta tendência começou a verificar-se um pouco mais tarde do que nos países do norte da Europa (INE, 1991, 2002). Contudo, hoje, o problema do envelhecimento da população portuguesa é uma realidade concreta que afeta a sociedade no seu todo. Diversos trabalhos no âmbito da Demografia (Nazareth, 1979, 2009), da Sociologia (Fernandes, 1997) e da Gerontologia Social (Paúl, Fonseca, Martín e Amado, 2005; Fernández-Ballesteros, 2004) têm posto em evidência a importância da problemática do envelhecimento populacional e suas implicações a diversos níveis.

Sobre as consequências políticas do envelhecimento demográfico muito se tem atualmente escrito. Consideramos pertinente referir Carmo (2011, p. 234):

*"Também a tendência para o **envelhecimento** generalizado (mesmo dos países em desenvolvimento), obrigará os Estados a desenvolverem políticas públicas de promoção do **envelhecimento ativo**, de **cuidados continuados e paliativos** e de formação especializada nesses domínios. A quantidade crescente de população mais velha, qualificada e autónoma, associada à facilidade de interação e formação de opiniões através de redes sociais, fazem levantar a hipótese plausível de um processo de **empoderamento** deste grupo e da sua assunção como **parceiro social** poderoso."*

Temos um número crescente de pessoas com mais idade e população cada vez mais longeva, por razões que são do conhecimento público e que se prendem com as alterações das condições de vida e com os avanços das ciências e da tecnologia. Já se fala na quarta idade (Baltes & Smith, 1999) pois existe uma numerosa população com mais de 80 anos que apresenta características sociais, psicológicas e físicas específicas, o que não era vulgar há algumas décadas atrás.

O enfoque sociológico do envelhecimento leva-nos a colocar em evidência alguns dos seus traços característicos: passagem à situação de reforma com alterações nos horários e nas relações sociais; necessidade de procurar atividades alternativas para ocupar o tempo; procura de cuidados de saúde específicos e mais frequentes; procura de diferentes recursos e produtos de bem-estar para uso individual e comunitário; necessidade de assumir mudanças na dinâmica familiar devido à reorganização do tempo e das atividades (Rostow, 1967, citado em Fesnández-Balhesteros, 2004).

A realidade sociológica do envelhecimento transformou-se num problema socioeconómico muito referido nos meios de comunicação e na literatura da especialidade, nos países desenvolvidos, pelo facto de a população idosa ser constituída na sua maioria por pessoas que passaram à situação de reforma e, nestas circunstâncias, não contribuírem ativamente para a produção, ficando esta suportada por uma população ativa cada vez mais reduzida em número e em proporção e acentuando-se a dependência social dos mais velhos. Os sistemas de segurança social acusam atualmente uma situação de crise financeira que se prende sobretudo com a falta de planificação e previsão da realidade demográfica e social. A mesma realidade sociológica tem também implicações na organização dos sistemas de saúde que se deparam com um número de utentes idosos em crescimento e com um aumento concomitante das despesas. A referida situação tem também implicação ao nível do delineamento das políticas sociais e da sua implementação.

O problema da “dependência” da população idosa coloca-se a diferentes níveis, desde o nível funcional propriamente dito ao nível socioeconómico. A nível funcional e individual destacam-se as diferentes dificuldades e incapacidades, de naturezas e graus diversos, para levar uma vida independente e autónoma; a nível socioeconómico sobressai a dependência da Segurança Social e das organizações comunitárias de apoio à população desta faixa etária. Contudo, existem setores da população idosa onde prevalecem elevados graus de autonomia e independência e nos quais se verifica a manutenção de níveis de qualidade de vida muito aceitáveis, atendendo aos padrões internacionais.

Nos vários trabalhos de investigação consultados sobre a qualidade de vida dos idosos verifica-se que o peso da educação é menos valorizado do que o peso da saúde na avaliação da qualidade de vida. Um tema central na Qualidade de Vida dos Idosos é a questão da Autonomia versus Dependência (L. Sousa *et al.*, 2003). Na avaliação da qualidade de vida aparece como um indicador fundamental a autonomia/dependência, sendo este indicador muito relacionado com a situação de saúde da população estudada. Agora, o nosso problema coloca-se da seguinte forma: quando a saúde do idoso é satisfatória e existe saúde física e psicológica quais são os outros fatores que condicionam os níveis de autonomia dos idosos? Na resposta a esta questão acreditamos que a educação poderá ser um fator de peso a considerar. Daqui advém uma questão central deste projeto: investigar a relação entre educação e autonomia.

Verificamos também uma outra tendência na sociedades atuais que é o crescimento da diversificação cultural das populações residentes nos diferentes países, sobretudo nos mais desenvolvidos e que oferecem maiores oportunidades de trabalho. Sobre este aspeto é oportuno citar Carmo (2011, p. 234):

" O aumento da diversidade cultural, decorrente das migrações crescentes, exigirá políticas públicas assentes na conceção de uma cidadania cosmopolita, permitindo maior participação política dos indivíduos estrangeiros. Ao nível dos serviços de proximidade, exigirá grande formação no domínio da comunicação intercultural (...)"

No mundo globalizado em que vivemos atualmente, onde se fala em “sociedade do conhecimento” e em “sociedade da informação”, os progressos da ciência, das tecnologias e dos conhecimentos são factos inegáveis pois impactam quotidianamente as nossas vidas e contribuem para a existência de uma acelerada e permanente transição cultural. A referida globalização trás consigo um aumento do fenómeno migratório e o crescimento das situações de heterogeneidade cultural vividas ao nível local, regional e nacional. A

população idosa convive hoje com situações de transição, mudança e heterogeneidade cultural e social que não eram vulgares em décadas anteriores e para as quais não foi, formalmente, educada na sua juventude. Os seniores têm atualmente que se adaptar a novas realidades sociais e tecnológicas sem o qual dificilmente conseguirão uma plena integração social. Da referida adaptação poderá depender a sua autonomia.

3. Pergunta de partida e questões de investigação

Atendendo às características da sociedade atual, onde verificamos uma crescente interculturalidade e um crescente envelhecimento, importa-nos conhecer a relação entre os dois fenómenos. No contexto do que antes referimos, a investigação que nos propomos desenvolver parte da seguinte questão central que está subjacente ao próprio título da tese: **“Quais os fatores interculturais que condicionam um envelhecimento autónomo?”**

Para conseguirmos dar resposta à pergunta de partida entendemos dever colocar e responder também a outras questões conexas e fundamentais na investigação e que legitimam os argumentos que utilizamos para desenvolver a nossa tese. Assim, o nosso trabalho pretende também dar resposta a algumas questões que condicionam a evolução do mesmo. Estas questões são as seguintes:

Quais as características educativas e socioculturais da população sénior autónoma na área urbana de Viana do Castelo?

Quais são as atividades desenvolvidas quotidianamente pela população sénior autónoma?

Quais os diferentes níveis de autonomia detetados e qual a sua relação com a educação dos indivíduos idosos?

Qual a influência da experiência migratória (migração interna campo/cidade e emigração) na autonomia dos seniores?

Quais as implicações que as relações sociais intergeracionais estabelecidas pelos seniores têm no seu processo de autonomia?

Quais poderão ser as estratégias adequadas para elevar o nível educativo e a autonomia dos idosos, na perspetiva dos próprios seniores?

Para responder às questões apresentadas teremos em conta alguns dados existentes e as informações de natureza qualitativa obtidas durante o processo de recolha de dados.

4. Breve contextualização teórica do envelhecimento numa perspetiva Socioantropológica

Devemos começar por referir que ainda que uma Teoria possa surgir no interior de uma disciplina científica específica, ela acaba por ser utilizada por diferentes disciplinas, linguagens e metodologias. Por isso, muito do exercício de sistematização passa pela delimitação com o maior rigor possível do campo e nível de análise, metodologias empregues, linguagem e ponto de partida do observador. Encontramos teorias que se centram nos processos macrossociais e culturais, embora, ao privilegiarem os efeitos do ambiente ou do contexto sobre os indivíduos, as suas consequências só possam ser observadas ao nível das relações interpessoais e sociais. Outras teorias tentam demonstrar como os indivíduos e os grupos não são meramente “passivos”, produtos do meio, mas são atores que assumem e modificam as próprias estruturas sociais, tanto mais não seja pelo impacto do seu número crescente. Uma assentam os seus fundamentos empíricos em etnometodologias, outras em métodos empírico-indutivos (*grounded theory*) e outras em extensos inquéritos por questionário, confrontando a realidade e as suas hipóteses de partida. Entendemos enquadrar todas estas teorias num campo disciplinar que designamos por Socioantropologia do Envelhecimento, tal como também o fez Ferreira (2007).

A situação social dos idosos terá dado lugar a uma nova categoria social (Siqueira, 2002). A partir daí concebem-se categorias e abordagens que procuram equacionar os níveis micro e macrossociais, que

criticam e sistematizam as teorias antecedentes e integram os processos dinâmicos e de interação, onde se configura o domínio existencial – vivencial, que é possível e influenciado pelas condições ecológicas (Dannefer e Uhlenberg, 1999).

As teorias mencionadas cruzam os processos individuais definidos pela idade, biologia e fases evolutivas com as trajetórias de vida que são social e culturalmente determinados. Desse cruzamento de mútua implicação entre o Indivíduo e a Sociedade, resulta um processo continuado no qual, à semelhança dos *Zeitgibers* (dadores de tempo) que determinam os ritmos biológicos, se constroem “relógios sociais” (Neugarten, 1969, citado em Ferreira, 2007). Estes regulam os ciclos de vida dos indivíduos numa dada sociedade. São marcadores aprendidos e transmitidos pela cultura, sendo socialmente partilhados pela *coorte* (conjunto de pessoas nascidas num mesmo intervalo de tempo). O que antes dissemos não é incompatível com as teorias de Berger e Luckmann (1973) para quem a vida social é uma contínua reconstrução feita na interação com os outros.

O modelo de análise que utilizaremos na nossa investigação incluirá elementos retirados, essencialmente, de três quadros teóricos fundamentais:

- O **quadro teórico construtivista**. Relativamente ao objeto de estudo estas teorias tornam relevante: 1) a descrição e a compreensão dos processos individuais do envelhecimento, nomeadamente da influência neste processo das estruturas sociais e das interações; 2) o estudo dos aspetos relativos a cada situação e construtivos dos significados sociais do envelhecimento; 3) os estudos sobre a evolução das conceções sociais do envelhecimento.

Concretamente, Gubrium e Holstein (1999) salientam como exemplos de trabalhos mais atuais sobre o envelhecimento a aplicação das etnometodologias na investigação das estratégias dos idosos na sua vida quotidiana, a análise de histórias de vida e de narrativas sobre a forma como os seniores vão construindo as suas significações e vivenciando as suas experiências e a análise do modo como, em contextos culturais e sociais específicos e diferenciados, os seniores constroem o seu envelhecimento e a sua vida. Devemos referir que Gubrium e Holstein (1999) não são os “mentores” das teorias construtivistas sobre o envelhecimento pois eles apenas fazem uma sistematização das teorias e das linhas de investigação. Na origem destas construções teóricas encontramos E. Goffman (1961) e P. Berger e T. Luckman (1973).

- **A teoria do curso de vida (*life course*)**. Trata-se de uma conceção teórica que assenta nas interações pessoa / ambiente, nas conceções de estratificação e nas mudanças ocorridas com a idade e com os acontecimentos de vida. Predomina a conceção dinâmica e dialética, quer seja a nível individual quer seja a nível das relações de grupo. Um aspeto importante desta conceção é perceber que o envelhecimento não pode ser compreendido apenas em função do envelhecimento imediato e visível nos últimos ciclos de vida, mas que deve ser entendido em função dos ciclos prévios, nomeadamente do início da vida adulta, e dos seus efeitos sobre saúde e da integração social. Depois, há conexões entre os diversos ciclos ou fases de vida e devem ser particularmente estudados os momentos de transição (escola, início da vida laboral, casamento, filhos... reforma). Posteriormente, em cada contexto, devem ser analisadas as conceções sociais que determinam as conceções individuais, e que levam a que alguém avalie a sua idade de uma determinada maneira.

Resumidamente, para a Teoria do Curso de Vida o envelhecimento é dinâmico (tem a ver com as mudanças relacionadas com a idade e com os trajetos de vida), é contextualizado (o contexto molda o processo de envelhecimento e tem significados culturais) e a própria história molda o processo de envelhecimento seja a nível individual, grupal ou social.

- **A teoria da atividade** começou a ser desenvolvida no fim dos anos 60 por Havighurst (1968). Este autor afirmou que o fim das atividades físicas e mentais por via do envelhecimento estaria associado a patologias psicológicas, a atitudes e comportamentos de isolamento social e, inversamente, o “bom envelhecimento” seria possível se o idoso mantivesse níveis de atividade equivalentes aos que teve durante a fase da vida anterior.

Importa referir sobre esta teoria, a importância dos idosos substituírem os papéis sociais à volta dos quais foi construída a sua vida enquanto adultos ativos e que foram perdidos durante o processo de envelhecimento, por outros, novos, igualmente gratificantes. Essencialmente, esta teoria assume que embora se verifiquem mudanças físicas e psicológicas durante o envelhecimento, persistem as mesmas necessidades de sociabilidade e de funcionalidade ativa. Nesta lógica, a atividade desenvolvida pelos idosos contribui para a qualidade de vida durante o processo de envelhecimento.

5. Metodologia privilegiada no nosso trabalho

Atendendo às questões de investigação já enunciados num ponto anterior desta comunicação, entendemos optar por uma metodologia de investigação predominantemente qualitativa por pensarmos que é a mais adequada.

A pesquisa qualitativa enfatiza a natureza da realidade socialmente construída e procura responder a questões sobre como é que as experiências e situações sociais são geradas e como é que ganham significado. O seu intuito é compreender determinadas situações sociais, determinados grupos e interações sociais. Trata-se de um processo de investigação no qual o investigador gradualmente interpreta um fenómeno social, comparando, catalogando e classificando o objeto de estudo. O investigador entra no mundo dos investigados e procura descobrir os significados e perspetivas que estes atribuem ao mundo e às situações vividas (Flick, 2005; Denzin & Lincoln, 2000).

Carmo e Ferreira (2008, p.197) procederam a uma sistematização das principais características dos métodos de investigação qualitativos, das quais destacamos:

“Indutiva - Os investigadores tendem a analisar a informação de “forma indutiva”. Desenvolvem conceitos e chegam à compreensão do fenómeno a partir de padrões provenientes da recolha de dados. Não procuram informação para verificar hipóteses. A teoria é desenvolvida de “baixo para cima”(…);

Holística – Os investigadores têm em conta a “realidade global”. Os indivíduos, os grupos e as situações não são reduzidos a variáveis mas são vistos como um todo, sendo estudado o passado e o presente dos sujeitos da investigação”

Os dados e os estudos qualitativos são usualmente vistos como mais ricos e mais vitais do que os dados e estudos quantitativos, tendo maior profundidade e apresentando uma visão mais verdadeira da realidade, das experiências e das crenças dos indivíduos (Haralambos & Holborn, 2004, p.971). Atendendo às características da investigação qualitativa e aos objetivos da nossa investigação, a metodologia qualitativa é a que privilegiamos.

6. Técnica de recolha de dados: entrevista

As entrevistas que estamos a efetuar visam conhecer, em profundidade, as características educativas e culturais da população sénior, as atividades desenvolvidas diariamente, as interações sociais que o grupo dos idosos mantém com outros grupos sociais e com outras gerações na sua vida diária, os problemas sociais concretos que se colocam às populações idosas em diferentes contextos sociais reais e que condicionam a sua autonomia. Utilizamos também as entrevistas para recolher histórias de vida, concretamente, partes das histórias (trajetórias) de vida ligadas ao passado migratório dos entrevistados

Por assentar em processos de interação humana, a técnica de entrevista permite obter elementos muito completos, sobretudo tendo em atenção todas as informações englobadas no discurso, mesmo as que excedem o objeto primário das questões colocadas. É uma técnica especialmente útil, para nós, por permitir ao entrevistado a expressão de perceções, interpretações e experiências, não apenas numa ótica estrita e descritiva, mas ainda possibilitando-lhe explicar-se, valorizar determinados aspetos e demonstrar a carga emocional subjacente aos seus pensamentos (Quivy e Campenhoudt, 1995, p.192).

Acreditamos que a entrevista seja a técnica mais apropriada no âmbito do nosso estudo, uma vez que não se coloca tanto uma ambição descritiva, mas antes a de compreender em profundidade e pormenorizadamente a

construção de práticas sociais específicas de alguns indivíduos (práticas ligadas à autonomia) e de perceber as relações que se estabelecem entre determinadas variáveis de análise no conjunto das ações concretas (relações entre as suas características educativas e culturais e as práticas ligadas à sua autonomia).

Utilizamos especificamente a entrevista semiestruturada e semidiretiva, uma vez que não pretendemos aplicar um formulário de questões rígidas e sequencial, mas antes adequar as perguntas ao decurso da conversa, permitindo assim uma maior espontaneidade e expressividade ao entrevistado (Haralambos e Holborn, 2004, p. 1003-1004).

7. População e amostra

Pretendemos estudar a população idosa da área urbana de Viana do Castelo. Deparando-nos com a impossibilidade real de observar todos os elementos da referida população procedemos ao estudo recorrendo à técnica de amostragem não probabilística intencional, procurando incluir na amostra indivíduos que nos podem fornecer informações relevantes para responder às nossas questões de investigação.

Construímos uma amostra não probabilística de pessoas com mais de 60 anos, residentes na área urbana de Viana do Castelo. Na amostra incluímos pessoas com diferentes características sociais (diferentes idades, sexos, escolarização, trajetórias profissionais, experiências de emigração, etc.), a residir em suas casas, com capacidade de comunicar oralmente e que apresentem níveis de autonomia que permitam a realização das atividades básicas da vida diária.

A dimensão da amostra depende da sua saturação teórica, ou seja, do momento a partir do qual a diversificação de perfis dos entrevistados já não resulta em novo e relevante material de análise, atingindo-se a redundância. A própria metodologia acaba por impor também uma barreira à extensão da amostra. Como notam Quivy e Campenhoudt (1995, p.163) “ *nos casos em que se encara um método de entrevista semidiretiva, o investigador não pode, regra geral, dar-se ao luxo de entrevistar mais do que umas dezenas de pessoas. Nesses casos, o critério de seleção dessas pessoas é geralmente a diversidade máxima de perfis relativamente ao problema a estudar*”.

8. Alguns resultados provisórios relevantes

Embora tendo consciência de que muita informação ainda está por recolher e tratar, consideramos pertinente apresentar desde já alguns dos resultados provisórios a que chegamos após recolha e tratamento parcelar das informações recolhidas através de inquérito por entrevista a uma parte dos indivíduos que constituem a amostra.

Devemos começar por dizer que os resultados que agora apresentamos dizem respeito, sobretudo, às resposta ao inquérito dadas por 9 indivíduos (4 homens e 5 mulheres) com idades compreendidas entre os 60 e os 76 anos, com uma escolarização relativamente elevada (quase todos têm o ensino secundário completo e muitos (4) têm curso superiores e/ou médios), com trajetórias de vida ligadas à migração e com uma autonomia muito elevada nas tarefas instrumentais da vida diária. Trata-se também de indivíduos todos eles com rendimentos médios acima dos 500 euros. Assim, estes resultados associam-se a entrevistados com um perfil muito particular e que não coincide com a totalidade do universo da amostra construída para a investigação. Poderemos mesmo considerar que se trata de uma subamostra que não pode ser representativa nem da amostra nem do universo que pretendemos estudar. Apresentamos estes resultados por, entendemos, serem socialmente representativos de determinados subgrupos de seniores.

8.1. Caracterização dos níveis de autonomia dos seniores inquiridos

No nosso "Guião de Entrevista" incluímos um conjunto de questões para aferir o nível de autonomia dos entrevistados. Tomando como ponto de partida o referencial psicodinâmico, a autonomia engloba várias facetas, entre as quais se destacam a internalização de um sistema pessoal e abstrato de valores; a capacidade de assumir responsabilidades e tomar decisões sem depender demasiadamente da aprovação e expectativas exteriores; a capacidade de projetar realisticamente o futuro; a capacidade de aceitação realística, não só dos

outros como também de si próprio (Dias, 1996, referido em Ramalho, 2003). Chickering (1969), citado em Ramalho (2003), equaciona a autonomia como englobando a autonomia emocional, a autonomia instrumental e a interdependência. Outros autores (Fleming, 1993 e Douvan e Adelson, 1966, citados em Ramalho 2003) referem a autonomia comportamental como sendo a capacidade para realizar tarefas. São raras as investigações que fazem uma abordagem simultânea das diferentes dimensões da autonomia. No nosso trabalho, e numa perspetiva operatória, designaremos por autonomia a capacidade de realizar um conjunto de tarefas básicas na vida diária.

É de salientar que os nossos entrevistados, na resposta à questão "necessita de ajuda para cuidar de si mesmo?", 8 responderam "não necessito de ajuda nenhuma", 1 respondeu "necessito às vezes de ajuda em tarefas de cuidados pessoais". Também relativamente à realização de tarefas domésticas, 6 responderam "não necessito de qualquer ajuda"; 2 responderam "às vezes necessito de ajuda"; 1 respondeu "necessito de ajuda nas tarefas mais difíceis".

Sobre a capacidade de se movimentar em casa e na rua, 9 responderam "movimento-me em casa e na rua sem qualquer dificuldade". Relativamente à necessidade de tratamentos de saúde, 3 responderam "não necessito de tratamento de saúde regular; 5 responderam "às vezes vou ao médico mas não necessito de apoio médico regular" e 1 respondeu "necessito de apoio médico regular".

Sobre a questão relativa à satisfação com a forma de vida, 3 responderam "acho que está tudo muito bem e como queria"; 6 responderam "há muita coisa agradável mas penso que poderia ser melhor". É importante evidenciar algumas justificações apresentadas relativamente à satisfação com a vida e com a forma como vive:

E1- " É o colher dos frutos sementados. Sinto-me feliz, podendo fazer felizes os que me rodeiam".

E2. "É uma vida muito mais calma, em que procuro diariamente ocupar-me em diversas situações".

E3- "Gosto da vida que tenho e da forma como a vivo. Esforço-me pela coerência das minhas atitudes e por cumprir as minhas obrigações particulares e sociais".

E4- "Penso que é uma vida normal e sem muitos sobressaltos".

E5- "Sinceramente, penso estar bastante satisfeito com a minha vida atual neste momento e não sinto qualquer necessidade de a alterar, substancialmente".

E6- "Como me encontro na situação de aposentada, tenho algumas saudades dos relacionamentos da vida ativa. Ainda estou em fase de adaptação face a esta nova realidade".

E7- "Estou satisfeita com o que ainda faço e contente por poder ser avó de duas netas mais novas, já que das netas mais velhas, por trabalhar, não fui verdadeiramente avó".

E8- "Tenho uma vida calma e, às vezes, um pouco monótona. Mas, se agisse, talvez se modificasse. Não me queixo. Estou bem".

E9- "De um modo geral, estou satisfeita embora gostasse de ter maior controlo sobre o tempo sobretudo para poder ler mais".

Atendendo ao conjunto de respostas, podemos afirmar que existe uma relativa autonomia instrumental e física no conjunto dos indivíduos entrevistados. Também a atitude face à vida não pode ser considerada negativa pois nunca afirmaram "ter uma vida má e desagradável".

8.2. Identificação da experiência migratória dos sujeitos na sua história de vida

No universo dos indivíduos entrevistados, todos aposentados e a residir na área urbana de Viana do Castelo, a experiência migratória aparece sobretudo ligada à infância e juventude e também início da vida escolar e profissional. Apresentamos seguidamente excertos de algumas histórias de vida recolhidas e que ilustram a afirmação efetuada.

E1- "Nasci em Trás-os-Montes (...). Aos 3/4 anos fui com os meus pais para Angola. (...) Iniciei a minha vida profissional na Direção Provincial de Finanças de Angola.(...) Entrei no Instituto Superior de Contabilidade de Luanda(...). Em 1975, regressei a Portugal como consequência da independência de Angola(...)".

E4- "Nasci em Luanda em 1947. Concluí a 2ª classe em Luanda e por motivos de férias dos meus pais concluí a 3ª classe em Bragança(...). A 4ª classe concluí em Luanda, assim como o Ensino Secundário e Complementar(...). Depois do 25 de Abril vim para Portugal (Lisboa) e daí vim para Viana do Castelo onde fui colocado. Aqui desempenhei as minhas funções até à reforma em 1996".

E5- "Nasci em Lisboa na década de 50. Os meus pais migraram para Lisboa à procura de melhor vida. Eles nasceram perto de Tomar. Fiz todos os meus estudos em Lisboa, onde vivi até 1993. A partir de 1993, vim viver para Viana do Castelo, onde ainda resido hoje (...)"

E6- "Nasci em Portugal e aqui permaneci até aos cinco anos. Emigrei com os meus pais para França e aí permaneci até aos treze anos. Depois regressei a Portugal e aqui estudei num colégio interno até ao antigo 5º ano. De seguida fiz a Escola Normal de Viana do Castelo e depois trabalhei em diversas freguesias como professora do 1º ciclo (...).

E8- "Nasci numa aldeia do Distrito de Viana do Castelo. Estudei em Lisboa, nos primeiros anos. Depois fui para Portalegre, onde fiz o antigo 5º ano (hoje 9º ano). Seguidamente estudei dois anos em Braga, onde completei o Liceu. Depois fui para o Porto onde vivi e estudei (...). Foi aqui, precisamente em Viana do Castelo, que eu atingi o tempo de serviço necessário para me poder reformar. O meu primeiro trabalho foi em Coimbra, onde também me nasceu a minha primeira filha (...)"

8.3.Caraterização dos sujeitos quanto às suas atividades, ocupações e relacionamentos

Atendendo à respostas dadas pelo conjunto dos nove inquiridos, podemos considerar que as atividades e ocupações apresentadas, quer pelos homens (4) quer pelas mulheres (5), são de natureza muito variada. Contudo, nas entrevistadas do sexo feminino aparece sempre, nalgum momento do dia, a referência às tarefas domésticas. Este facto não é surpreendente dado que, tradicionalmente, estas tarefas estavam sobretudo atribuídas às mulheres e estamos a inquirir um conjunto de pessoas com mais de 60 anos. Outro facto a referir sobre esta temática é a existência de diversificação das atividades e ocupações ao longo dos diferentes momentos do dia e também diversificação entre as atividades desenvolvidas durante a semana e nos fins de semana (leituras, passeios, caminhadas, reuniões familiares, voluntariado, jardinagem, trabalho doméstico, televisão, etc.). As reuniões familiares ou de amigos e as caminhadas aparecem mais referenciadas nos fins de semana.

Os factos que acabamos de referir contrariam algumas das representações sociais existentes sobre os idosos, representações associadas à monotonia de vida e à passividade. Devemos ainda dizer que a atividade mais referidas para a ocupação dos períodos noturnos é "ver televisão". Este facto não é surpreendente e, pensamos, não se tratar de uma atividade exclusiva dos idosos a residir naquela área geográfica nem de uma ocupação exclusiva do grupo etário em apreço.

Quanto aos relacionamentos sociais e familiares mantidos pelo grupo de seniores estudado, devemos referir que a maioria dos inquiridos afirma relacionar-se quotidianamente com pessoas de diferentes idades embora também refiram sempre que tais relacionamentos foram mais intensos no passado, sobretudo devido às atividades profissionais desenvolvidas durante a vida ativa laboral. Os contactos com outros elementos da família também aparecem referido como acontecendo frequentemente pelo que a noção de "isolamento social dos idosos" constante nalgumas teorizações aparece aqui largamente contrariada.

9. Conclusão

Pensamos ser ainda prematuro extrair conclusões definitivas sobre os resultados da nossa investigação. Contudo, podemos desde já avançar algumas intenções conclusivas provisórias em relação àquilo que nos foi dado observar.

Atendendo às respostas dos entrevistados, os níveis de autonomia dos nossos informadores apresentam-se elevados, os níveis de atividade e ocupação dos tempos livres também podem considerar-se elevados e os níveis de relacionamento social e com outras gerações podem igualmente ser entendidos como elevados. Trata-se, sem dúvida, de um grupo de seniores que poderíamos considerar "privilegiado". Esta classificação advém do facto de conjugarem as características referidas com um outro grupo de características socioeconómicas e demográficas, como os níveis de rendimento e escolarização elevados, e todos residirem em habitação própria e na companhia de familiares. É de salientar o facto de os nossos entrevistados mais velhos terem "apenas" 75 e 76 anos e, atualmente, verificamos uma esperança de vida em crescimento com seniores de 80 e mais anos a aumentar em número. Pensamos que as teorizações desenvolvidas pelos teóricos da atividade encontram nesta subamostra a sua verificação pois os elevados níveis de atividade física (passeios/caminhadas) e intelectual (leituras) verificados nos relatos estão associados a situações de saúde e de vida muito satisfatórias.

Nos percursos das respetivas vidas e nas histórias de vida que nos foram contadas, os momentos em que houve migração constituíram também momentos de aprendizagem e crescimento e realização pessoal. Citando uma entrevistada que com a sua frase resumiu muito do que nos foi dito por outros sobre o seu tempo de migração: "*Foi uma experiência de abrir os olhos para a vida pessoal e profissional. Tudo era novo e a idade era de tudo aprender e viver ao mesmo tempo*".

Numa lógica construtivista e também da teoria do curso de vida, as situações e vivências da velhice começam a construir-se muito antes e essas vivências anteriores, em interação com os diferentes contextos sociais e culturais, constituirão os alicerces das realidades vividas no presente. No conjunto dos sujeitos analisados e atendendo ao que nos foi narrado, a experiência migratória foi marcante e contribuiu para os seus processos de aprendizagem formais e informais e pode também estar na base da construção de níveis elevados de autonomia.

À laia de conclusão, devemos ainda referir que a preocupação com a crise económica e social vivida na atualidade aparece subjacente a muitas das respostas que nos foram dadas às questões relativas a temas de conversação com os familiares e com os amigos. Ora, tratando-se este de um grupo de reformados que não tem os rendimentos mais baixos, importa-nos sobremaneira conhecer as preocupações e problemas do outro grupo que tem os menores rendimentos e outras características sociais e educativas nemos favoráveis.

Sabemos que seniores com diferentes condições sociais, económicas, educativas e migratórias poderão apresentar situações presentes diversas daquelas a que aqui fizemos referência. A outra parte da nossa amostra irá ser objeto de estudo atento e depois apresentaremos esses resultados à comunidade científica em trabalho ulterior.

10. Bibliografia

- Baltes, P. e Smith, J. (1999). Multilevel and systemic analyses of old age: theoretical and empirical evidence for a fourth age, in: V. Bengtson, e K. Schaie, (eds.), *Handbook of Theories of Aging*. New York: Springer Publishing Company.
- Berger, P. e T. Luckmann (1973). *The Social Construction of the Reality*. New York: Doubleday & Company.
- Carmo, H. (2011). *Teoria da Política Social (Um olhar da Ciência Política)*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas/ Universidade Técnica de Lisboa.
- Carmo, H. e Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para a Autoaprendizagem*(2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Dannefer, D e P. Uhlenberg (1999). Paths on the life course: a typology. In: Bengtson, V. e K. Schaie (Org). (1999). *Handbook of Theories of Aging*. New York: Springer Bengtson, p. 306-343.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (eds.), (2000). *Handbook of qualitative research*, Thousand Oaks: Sage.
- Eurostat (2006). *Statistics in Focus*, Luxemburgo: Éditions Eurostat.

- Fernandes, A. A. (1997). *Velhice e Sociedade*, Oeiras: Celta Editores.
- Fernández-Ballesteros, R. (2004). *Gerontología Social*, Madrid: Piramide.
- Ferreira, J. L. (2007). *Educación na Terceira Idade: Estudo do Coletivo de Pessoas Maiores no Contexto Comunitário de Vila Nova de Gaia*. Tese de Doutoramento, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, Lisboa: Monitor.
- Goffman, E. (1961). *The Presentation of Self in Everyday Life*, New York: Doubleday.
- Gubrium, J. F. e Holstein, J. A. (1999). Narrative practice and the coherence of personal stories, *Sociological Quarterly*, 39(1), p. 163- 187.
- Haralambos, M. & Holborn, M. (2004) *Sociology – themes and perspectives*, London: Harper Collins.
- Havighurst, R. (1968). Patterns of Aging. *The Gerontologist*, 8, 20-23.
- INE, *Recenseamentos da população. Estatísticas Demográficas*. www.ine.pt
- INE (2000) *As gerações mais Idosas*, Lisboa: DECP/Serviço de Estudos sobre a População. *O Envelhecimento em Portugal*, Lisboa: DECP/Serviço de Estudos sobre a População.
- Nações Unidas (2006). *World Population Ageing: 1950-2050*.
- Perspetives de la Population Mondiale – La Révision*.
- www.Un.org – Publications and data base.
- Nazareth, J. M. (1979) *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa, Presença.
- Nazareth, J. M. (2009). *Crescer e Envelhecer. Constrangimentos e oportunidades do Envelhecimento Demográfico*. Lisboa: Presença.
- Paúl, C., Fonseca, A., Martín, I. e Amado, J. (2005). Satisfação e Qualidade de Vida em Idosos Portugueses. In: Paúl, C. e Fonseca, A., *Envelhecer em Portugal* (Coord.) Lisboa: CLIMEPSI.
- Quivy, R. e Campenhoudt, Luc Van (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Ramalho, J. (2003). *Desenvolvimento da Autonomia e da Identidade nos Jovens Portugueses com Experiência Migratória*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Sousa, L. et al. (2003). Qualidade de Vida dos Idosos. *Revista de Saúde Pública*, 37(3), pp. 364-371.